

1.10174

COMPRAR

Tiragem 6.000 exemplares.

COLLEIOS

*Semanario illustrado
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
20 DE JANEIRO DE 1908

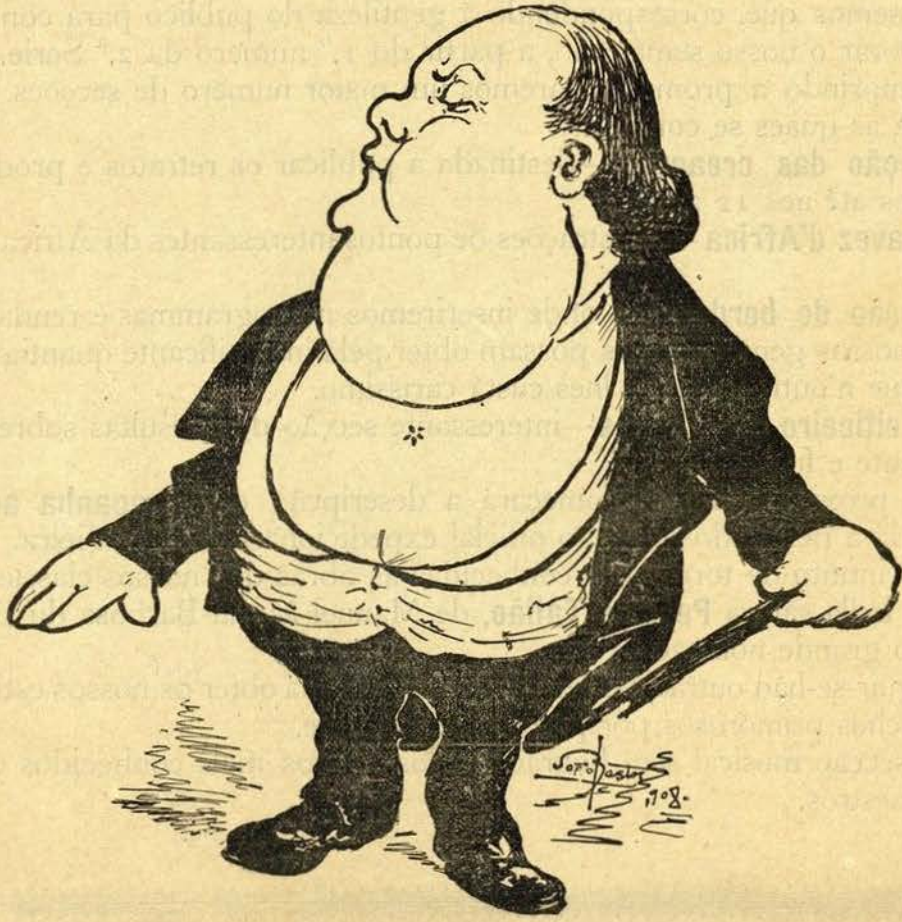
NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS

Lisboa e provincias 300 rs
 Colonias 400 •
 Brazil (moeda forte)..... 900 •

OS NOSSOS

Actor Chaby Pinheiro



No theatro esta figura
 A dizer mostra-se artista
 De inconfundivel altura,
 No trato, todos conquista
 P'la requintada finura.

A 2.^a SERIE

DO

“AZULEJOS”

Dissemos que, correspondendo á gentileza do publico para conosco, iamos melhorar o nosso semanario, a partir do 1.^o numero da 2.^a Serie.

Cumprindo a promessa daremos um maior numero de secções e gravuras, entre as quaes se contam:

Secção das creanças—destinada a publicar os retratos e producções das creanças até aos 12 annos.

Atravez d’Africa—illustrações de pontos interessantes da Africa Portugueza.

Secção de bordados—onde inseriremos monogrammas e rendas, afim de que as nossas gentis leitoras possam obter pela insignificante quantia de um vintem, o que n’outros jornaes lhes custa carissimo.

O Feiticeiro das Trevas—interessante secção de consultas sobre o passado, presente e futuro.

No proximo numero começará a descripção da **Campanha ao Cua-mato**, devida á penna do distincto official expedicionario Mello Vieira.

No intuito de tornarmos conhecidas as obras dos nossos classicos, damos hoje a bella satyra **Pena de Talião**, de Manuel Maria Barbosa du Bocage, obra de tão grande nomeada.

Seguir-se-hão outras, podendo, por esta forma obter os nossos estimados leitores, trechos primorosos por preço insignificante.

A secção musical será honrada pelos nossos mais conhecidos e inspirados maestros.

COMPRA

2018

Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
20 DE JANEIRO DE 1908

Condições d'assignatura
 (Pagamento adeantado)
SERIE DE 15 NUMEROS

Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias..... 400 »
 Brazil (moeda forte)..... 900 »

Tiragem 6:000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



Sebastião, laranjinha na mão.

Os antigos não eram de meias medidas; em chegando o anniversario do glorioso martyr estavam promptos para a entrudada e começavam a armazenar laranjas, ovos, peros, maçãs, tachos, panellas e cafeteiras velhas que iam atirando sobre as cabeças dos transeuntes, que não poucas vezes ficavam n'um verdadeiro bollo.

Quando eu era pequeno, um garoto levado de todas as brécas e atrevido como poucos, o entruído era para mim um paraíso; fui crescendo e já quando arrastava a aza á visinha defronte e á do lado, continuava a ser para mim delicioso aquelle tempo de folia, que passava com a rapidez do relampago, deixando-me furioso, porque não tinha conseguido fazer todas as partidas que havia imaginado, á falta de occasião.

E, apenas chegava o dia 20 de janeiro, declarava-me habilitado para todas as tropelias.

Deante de mim já ninguem podia fallar em queijo, em peru, em Lacerda, sem eu lhe disparar logo um d'esses ditos picantes, que faziam en-

cavacar os empulhados e dava occasião á tremendas desforras.

Seguia-se a quinta feira de comadres, depois a de comadres e o Santo entruído, esses tres dias de loucura em que tudo era permitido. Como eu gostava de dar com uma laranja nas ventas do burguez que ia seguindo pacatamente o seu caminho, de despejar uma bacia d'agua sobre o chapeo luzidio d'um honesto funcionario publico, de acertar com um ovo de gemma na cara de uma velha que ia com toda a tranquillidade fazer as suas mércas.

E o Chiado? Como eu gostava de entrar no reboliço e sair de lá, horas depois, com a apparencia d'um moleiro, com o casaco a escorrer gemmas d'ovos, como as beiras dos telhados deixam escorrer a agua quando cae um aguaceiro.

Na quarta feira de cinzas eram ás centenas as cabeças partidas e as ventas esmurradas, havendo tambem algum mais infeliz que tinha perdido um olho, vazado por uma laranja, com que lhe acertára um brutamontes que passava.

Mas quem vae á guerra dá e leva e eu, que estragava os fatos e não poucas vezes tive que recorrer ás pharmacias para me encherem a cara de pontos, depois de convenientemente lavada n'um alguidar de barro, quando recolhia a casa depois de haver desaparecido na eternidade o dia d'entruído, tinha sempre ao canto do olho uma lagrima de saudade. Ah! tempos! tempos!

A civilisação veio estragar tudo e, o Carnaval de hoje, não é sequer a sombra d'esse Carnaval da minha infancia, d'esse Carnaval que não tinha conhecido ainda os editaes prohibitivos da loucura e bambochata.

Agora, como é triste ver uma fila de carruagens seguindo, como n'um

enterro, meia duzia de mascarados que atiram uns aos outros umas roldinhas de papel que baptisaram com o pomposo nome de *confetti*; como nos provoca abrimientos de bocca a *batalha das flores* que devia antes chamar-se a *batalha*... de qualquer outra cousa mais apropriada á monotonia da procissão.

O Carnaval morreu. Eu sempre fui partidario de *tudo ou nada* e, não me deixando andar á caqueirada a todos quantos passam, meto-me em casa, e vingo-me no chapéo alto, reduzindo-o a um figo, com a applicação de dois murros bem puxados.

Pois comprehende-se lá que o chapeo alto saia e entre para casa cobrindo a careca d'um *quidam* sem ao menos ter soffrido um arrepio? Pois pode admittir-se que se ande por essas ruas com o fato limpo como se em vez de entruído se estivesse na Semana Santa?

Que horror!!! E se alguem se atreve a transgredir os cartazes que enchem todas as esquinas... zás, ca-trafilado e, n'um instante, está na enxovia onde é assaltado pelas baratas, aranhas, percevejos, pulgas e outros d'esta igualha, que lhe vão chupando o sangue enquanto não chega o momento de lhe tirarem a camisa.

Protesto! E como os editaes, não teem força alguma quando se trata da minha propria cara, do meu chapeo e do meu capote, vou enfarnhar-me todo, dar cabo do zabumba e esmurrar as ventas com dois ovos chocos e, se por ahí ha algum que abunde n'estas idéas que appareça armado para a lucta e verá que, apesar de velho, dou sota e az ao mais pintado e sou ainda capaz de a pregar mesmo na menina do olho.

Vamos, ha ahí um valente para outro valente?

JOÃO PACIFICO.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

As nossas escolas

Arduo é o trabalho que me impuz. Comtudo anima-me a faze-lo a boa vontade, e inexcédível interesse de que me acho possuido sob este assumpto.

Infelizmente, entre nós, a educação infantil tem sido descurada de uma tal maneira, que chega a constituir um facto criminoso.

N'esta nossa bella terra portugueza, caracterizada por exteriorisações das mais completas, a tudo se attende, e tudo se faz, custe o que custar, com tanto que se satisfaça a sociedade que nos cerca.

A inconsciencia e ignorancia, caminhando sempre parelhas, não attendem quaesquer advertencias sensatas e, na cegueira brutal, a maioria humana, vae dando o seu contingente importantissimo para o desaparecimento da nossa raça.

O sonho dourado de um casal é o nascimento de um filho.

Satisfeito esse ardente desejo, ricos e remediados veem n'elle um perpetuador da sua descendencia. Os miseraveis, aquelles que mourem constantemente, que nada possuem, se alguns ha que de igual modo pensam, a maioria, passado pouco tempo, só vê n'esse pequenino ser mais um impicillo na sua vida aborrecida, e portanto, na idade competente, mais um burro de carga de quantos patrões vier a conhecer.

Abstenho-me por isso de fallar n'elles. Vivem com a sorte e á mercê da sorte.

As mããs dos outros chegam quasi a enlouquecer com as diabruras dos pequenos, e então, e porque já teem cinco ou seis annos, começam a pensar na sua educação intellectual!!

Escolhe-se-lhe uma escola infantil de ordinario regida por uma mestra.

Na verdade é ainda muito pequenino, mas é um traquinas, não pára ninguém em casa com elle.

— Faz-lhes a cabeça *em agua*.

— Precisa ir para a escola.

Sempre é um descanso que disfrutam separando-se d'esse tão desejado ente pelo espaço de seis ou sete horas diarias pelo menos.

Começa para estes entes o seu longo martyrio.

Começam os paes a predisporlos para todas as enfermidades futuras.

Não faço affirmações gratuitas.

Percorri muitos d'esses estabelecimentos para as classes infantis e, francamente, com pesar immenso ousou affirmar, que n'aquellas casas

não se usufrue a vida, mas antes ellas são estadios, onde se prepara o de-pauperamento organico.

De tudo se lança mão n'esta Lisboa appetecida para se não morrer á mingua, e, então, qualquer se lembra de fundar uma escola. E' coisa que dá pouco dispendio. Colloca-se uma taboleta á janella para chamariz, mobila-se a casa com uma mesa e uns toscos bancos de madeira, um pote, um pucaro de folha e um quadro preto. Eis tudo.

Alli recebem-se trinta, quarenta creanças, quantas mais melhor, é mais rendoso.

A casa é pequena, não tem sequer mediocre ventilação, tem falta de luz, e o asseio fica muito a desejar.

Ha uma hora de descanso, do meio dia á uma hora da tarde.

As creanças ficam alli na mesma casa, ou vão para as janellas de sacada, quando as ha, brincar ao sol, á chuva, como Deus é servido.

Outros mais felizes (!) brincam n'um pedacito de pateo onde, á mistura, passeiam gallinhas e coelhos.

Resume-se n'isto a hygiene d'esta escola que abriu e de tantas outras que por ahi abundam na capital.

E' um horror, não ha casas proprias, não ha pessoal convenientemente habilitado e o que é mais triste, não ha um delegado encarregado pelo governo de verificar as condições hygienicas d'essa escola, e quaes os preceitos a que deve obedecer. Mas como é que os governos hão-de lançar os seus misericordiosos olhos para as escolas particulares quando elles nem das proprias escolas officiaes teem querido saber?!

E, emfim, eu quiereria ver da parte de tantos e tantos paes que presam a saude de seus filhos, uma actividade e interesse tão proprios no assumpto. Queria que os differentes governos olhassem para este assumpto com o cuidado que o caso reclama por isso que é deprimente para elles proprios o estado deploravel a que chegou o modo de ensino e hygiene escolar ás classes infantis.

E' grande, bem o sei, a difficuldade em produzir uma revolução tão necessaria em todo este estado de coisas, mas tambem sei que tudo se consegue com perseverança e boa vontade.

LUIZ BAPTISTA, *medico*.

Pensamentos

Mulher sem honra, homem sem palavra e casa sem portas teem uma certa analogia

GODINHO MADUREIRA.

A Esperança é a unica riqueza dos que nada possuem.

KLÉTUS

ESPIRITISMO

Camillo escreve a Silva Pinto por intermedio de F. L.

(Conclusão)

E' verdade, parecerá á primeira vista, ou á nossa razão desarmada da reflexão.

Reflexionemos, porém.

Qual é a natureza das cousas na terra?

E' a que vimos? E' a que nos parece?

Não. E' a que é.

E qual é a que é no exemplo citado?

A vista irreflexiva dá ao lyrio a alvura e á podridão o asco. Entretanto a reflexão mudará em breve o asco para o lyrio e a causa admirativa para a podridão.

O lyrio será a curto trecho putrefacto, nauseante; e o cadaver o monturo, transformar-se-ha benevolmente nos gazes que dão a vida e nos saes que alimentam as rosas e o trigo.

E quando assim não fosse?

As côres obedecendo á nossa vontade tinham-nos dado a sensação de que era assim; e tudo na vida tem as sensações que conseguem impressionar-nos. O amor ás cousas horrosas não deixa de ser amor se as amamos; e o odio ás cousas bellas não deixa de ser odio se as detestamos.

Exige a razão ponderada e fria que assim não seja: mas quem pode gabar-se de ser sufficientemente justo e equilibrado que consiga vêr as cousas sempre como ellas realmente são? E não podendo ter a certeza de que tem essa justeza de vista, quem pode affirmar que a sua maneira de vêr é a melhor?

Medita, Silva Pinto, medita!

Pensa que as tuas dôres te hão de servir para mais do que para atravessares a vida a madizel-as!

Mal haja a experiencia que nos não traz a benevolencia e a tolerancia.

Sabes tu melhor do que ninguem que eu jámais pensei assim ahi. As minhas novellas estão cheias de fel que a amargura fazia destillar á minha vida, e por môr desgraça não tive nunca bocca amiga que tivesse auctoridade no conselho para me obligar á reflexão desapassionada sobre as cousas e as causas. Quando muito sentia-me envolvido na piedade e no dô; e esses sentimentos alheios irmitavam-me, teriam o meu orgulho.

Orgulho!!! Fatal e horrida palavra! Causa suprema do meu, do teu, do mal de nós todos! Primacial origem da minha vida de martyrio ahi e do martyrio da minha aqui! Fonte de todas as dôres, inicio de todas as maldades, causal de todos os desesperos!!!

Que de cousas tredas eu podia dizer evocadas por a lembrança que

aquella palavra trouxe aos bicos da penna!

Não era esse o meu proposito porém, ao escrever-te.

Não quero afastar-me do que me impeliu a dirigir-me a ti.

Havia um sentimento no mundo que poderia ter illuminado a negrura da minha vida: — era religião de Christo; mas esse sentimento era facilmente suplantado pela duvida torturante da minha vida amargurada, e pelo orgulho desmesurado de todo o meu ser atrabiliario e revoltoso.

Para ti... para ti...

Silva Pinto, E' bem estranha e bem inacreditavel cousa esta de eu te estar a falar, escrevendo pela mão de um quasi desconhecido para nós ambos; mas bem extranhas e inacreditaveis cousas teem modificado o mundo e o homem no seu evolucionar progressivo atravez os seculos.

Não te detenhas a pensar n'isso. Pouco vale. Não queiras descobrir em um momento o que outros não conseguem com o sacrificio da sua vida inteira.

Vê, passa pelo caminho purificador da tua analyse de bom e de homem de coração o que deixo dito. Lembra-te de que quando mesmo seja dito pelo homem que escreve, o que elle escreve está sob a egide do meu nome. Para o escrever pensou em mim, no teu amigo, no teu companheiro, no maior de todos, como me chamas. Isto deve ser para ti respeitavel.

Quando queiras reagir contra a crença de que sou eu quem te aconselha, quem te supplica, quem te implora n'uma grande ancia de obtenção, que desvies a tua vista cansada, quasi gasta, quasi a desaparecer, do marnel das paixões terrenas e a elevés ao alto, onde reside Deus, a Bondade e o Bello, pensa, vê que esse que faz o abnegado serviço de te dizer cousas extranhas e dedicadas o faz em meu nome e como se de mim fossem.

São boas? São más?

Se são boas acceta-as em lembrança minha; se são más deita-as fora porque nem em meu nome te dão cousa boa.

Mas pela experiencia feita de dores te digo que são boas; e se como taes as não receberes e usares, ai de ti meu querido irmão na tortura, ai de ti, que será tarde de mais para arripiarés caminho, e cêdo em demasia para verificares o erro.

Meu querido amigo, meu santo amigo, tu que és ainda um pouco do meu soffrimento na terra, e um pouco obra do meu orgulho, do meu egoismo, do meu amargor, ouve-me e attende-me.

Não sei se poderei ainda fallar-te de novo e a tempo! e não será a menor das dores para mim se tiver de reconhecer que não pude pôr a força de pressuação bastante para

fazer-te o bem, quanto tanta tive para te fazer o mal!

Lx.ª 28 de outubro de 1906.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Mascaras illustres



Gervasio Lobato



O Crime

"Dellard"

GORON

(Continuação)

N'este momento e bem a meu pezar, a culpabilidade do official impôz-se ao meu espirito com uma nitidez absoluta, irrecusavel. E porquê? Talvez porque, antecipadamente, tinha confiado demasiadamente na sua innocencia. Talvez!

A dôr do barão Dellard, fôra tão viva e tão cruel, que não podéra voltar a habitar a casa onde sua mãe fôra assassinada. Morava com um de um de seus primos, Mr. Gévelot, deputado pêlo Orne. Foi ahí que o procurei para o fazer sciente de tudo que descobri e pedir-lhe esclarecimentos acerca de Anastay.

Quando lhe disse que as minhas suspeitas recaiam sobre o citado official, Dellard deu um salto na cadeira.

— Anastay, exclamou, isso é impossivel! Um rapaz a quem não cessei de protegêr e que sempre me testemunhou a mais viva gratidão!..

— Queira dizêr-me, sr. barão, quando da infausta morte da sr.ª baronêza, Anastay procurou-o afim de lhe dar o peçame, de o consolar emfim, como era de seu devêr?

— Não, respondeu Dellard.

— Como se comprehende pois que estando elle em Paris, sendo-lhe devidôr de tantas obrigações, não viesse immediatamente procural-o? tanto mais que o barulho nos jornaes foi de tal ordem, que era impossivel não conhecêr a terrivel desgraça que feriu o sr. barão...

— Tem mil vezes razão, disse Gévelot. — Efectivamente, tartamudeou Dellard, baixando a cabeça.

Foi esta insignificancia, esta omissão dum devêr de cortesia e de amizade que me induziu a procedêr immediatamente á captura de Anastay.

Era impossivel que um official do exercito homem de fino trato e cortez deixasse, sem têr para isso uma razão gravissima, de cumprir essa mundana formalidade.

O juiz d'instrução, pôsto ao facto de todas estas coincidencias, associou-se plenamente ás minhas deducções e assinou sem hesitar, o mandado de prisão.

Ao mesmo tempo que isto acontecia, chegou do ministerio da guerra uma nota confidencial onde se lia: que Anastay fôra colocado na disponibilidade temporaria por castigo. Mau negocio para elle.

Entretanto anoitecêta.

Comecei de pensar como havia de efectuar a prisão. Capturar um official é sempre um episodio dramático que promove escandalo graúdo; era fatalmente necessario evital-o: por outro lado, o homem talvez fôsse culpado e portanto não devia deixal-o fugir!

Pelas dez e meia da noite, dirigimo-nos, Mr. Poncet, o agente Jayme e eu, ao predio n.º 19 da rua Valois, onde subemos, apoz uma conversa semi-diplomatica com o porteiro, que Anastay estava ali domiciliado mas que devia estar já deitado e a dormir.

Não dissêmos, subentende-se, nem uma palavra ao guarda portão da terrivel accusação que pesava sobre o inquilino; mas, como fômos obrigados a dizêr quem eramos e como a historia do crime fazia ainda as delicias de Paris inteiro, o pobre homem que a primeira cousa que praticava de manhã era lêr o jornal para saber se o assassino fora preso, olhou-nos com cara de caso e exclamou:

— Os srs. não querem dizêr-me de que se trata mas, ia apostar que esta deligencia se relaciona com o crime do boulevard do Templo.

Não dissêmos que sim nem que não; pedimos-lhe urbanamente que nos conduzisse ao quarto de Anastay. Um pouco tremulo, mas já afavel, o porteiro foi-nos guiando e dizendo:

— A porta do quarto dá para o patamar. A habitação é magnifica, tem uma janella com linda vista para o Palais-Royal.

Olhámos pelo buraco da fechadura. Anastay estava metido na cama e lia socegradamente; na mezinha de cabeceira, e por tanto facil de agarrar á primeira voz, via-se o revolver da ordem. O caso era sério. Aquella arma, posta ali, pronta a sêr soerguida, fazia-me supôr que Anastay, pilhado de subito, não hesitaria em suicidar-se. Era necessario um cuidado imenso para levar as coisas ao fim; recomendei por tanto a Jayme que não praticasse a minima imprudencia.

Impunha-se naquêle momento estabelecer o plano a seguir. Prender um official do exercito a beneficio de suspeitas, a bem dizêr, um tanto vagas, era um erro: tornava-se necessario decidil-o a vir no dia seguinte e voluntariamente, prestar declarações ao serviço de segurança.

Uma coisa era necessaria antes de tudo encontrar alguém que reconhecesse nêlle o assassino.

(Continua).

CAMPANHA D'AFRICA

Por ter chegado muito tarde a esta Redacção, torna-se-nos impossivel começar hoje a descripção da Campanha ao Guamato, devida á penna do brioso official expedicionario Mello Vieira.

Peça de Talião

Manuel Maria Barbosa du Bocage
(Elmano Sadino)

II

Tu que de cerebro pingue e pingue a face
Pharisaica ironia em vão rebucas,
Com que a penuria ao desvalido exprobas:
Que tem co'a Natureza o que é da sorte?
Ou dá-me o plano d'atrair-lhe as graças
(Mas sem que roje escravo) ou não profa-
nes

Indigencia e moral, qual tu não citas.

Pões-me d'inutil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante obesso, inutil,
As praças d'Ulissea á toa opprimes,
Ou do bom Daniel na terrea estancia
Peçonhas d'invectiva espremes d'alma
(Que entre negros chapéus tambem negre-
ja),

E ante o caixeiro boqui-aberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a encyclopedias,
Fadas, agouras, o esplendor que invejas,
Arranhas mortos, atraçalhas vivos,
Insultas a grandeza, a immundidade
Do eterno Mantuano, e dás a Estacio
Um grau que entregue ao Deus que arden-
do em estro

De Thebas o cantor tentar não ousa,
Quando á Musa da morte enfrea os vóos,
E quer que a Eneida cá de longe adores.

Da preferencia atroz inda não pago
Das graças ao cultor, de amor ao vate,
De Nasonia elegia aos sons piedosos
Que o Ponto ouviu com dôr, com magua o
Tibre,

Versos propões sarmaticos-latinos,
Versos, que inda ao burel e ao claustro chei-
ram,

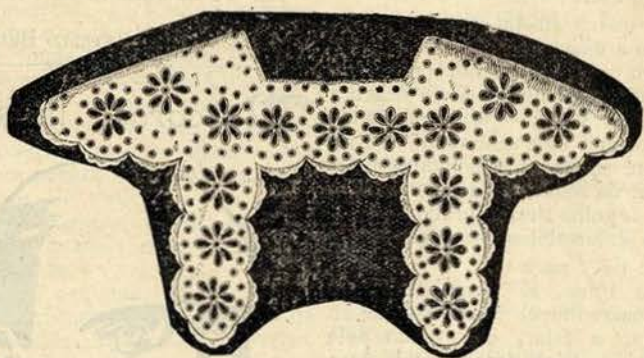
E que afrontoso a ti d'applausos c'roas,
Só por distarem dos teus versos pouco.

Sanguessuga de putridos auctores,
Que vaes com cobre vil remir das tendas,
Em quanto palavroso impõe ao nescio,
E credulo tropel, roncando affirmas
Que revolveste o que rocaste apenas;
(Fallo das artes, das sciencias fallo)
Emquanto a estatua da ignorancia elevas,
Os dias eu consumo, eu velo as noites
Nos desordenados, indigentes lares;
Submisso aos fados meus alli componho
A' pesada existencia honesto arrimo,
Co'a mão que Phebo estende aos seus, a
poucos;

Ali deveres que não tens, nem prezas,
Com fraternal, piedade acato, exerço;
Cultivo affectos á tua alma estranhos,
Dando á virtude o que dás ao vicio;
Não me envilece ali d'um frade o soldo
Ali me esforça ao genio as igneus azas,
Coração bemfazejo, e tanto, e tanto,
Que a ti, seu depressor, proteje, acolhe;
Que em redondo character te propaga
A rapsodia servil, poema intruso,
Pilhagem que fizeste em mil volumes
Atulhado armazem de alheios fardos,
(Cujos crédores nos Elysios moram)
Onde a Monotonia os meche, e volve,
E onde teimosia apostrophe se esfalfa,
Já co'os ceus estendendo, e já co'a terra.
Inda não me levei do Pindo ao cume
Com fama que assoberbe os summos vates;
Porem graças ao dom que não desdouras
Co'a birra estulta de emperradas trovas,
Vou sobranceiro a ti, de longe te olho,
E na publica voz que se não merca
Elmano a cysne aspira, Elmiro é ganso,
E' ganso que patinha, e se enlameia,
Em podre: lodações, paúes do Lethes.
A circulos pueris, a vãos Narcizos
A Lucrecias na sala, e Lais na alcova,
E inda ás serias do tempo, os bravos poupo;
Insulso rimador de facho e settas,
Nugas não d'ouro, não mendigo applausos
De vacuas frentes, plagiarias linguas;
Não sou nem d'improviso o que és d'espaco!

(Continúa)

BORDADOS E RENDAS



CANÇÃO

Dá-me as petalas de roza
D'essa bocca pequenina:
Vem com teu riso formosa!
Vem com teu beijo divina!

Transforma n'um paraíso
O inferno do meu desejo...
Formosa, vem com teu riso!
Divina vem com teu beijo!

Oh! tu, que tornas radiosa
Minh'alma, que a dôr domina,
Só com teu riso, formosa,
Só com teu beijo, divina!

Tenho frio, e não diviso
Luz na treva em que me vejo:
Dá-me o clarão do teu riso!
Dá-me o fogo do teu beijo!

OLAVO BILAC.

(Poeta Brasileiro)

Do livro «Poesias» de Olavo Bilac.

A Alguem

E's triste mas a tristeza
Fica-te bem porque és bella...
E eu nunca vi tal belleza
Senão em pallida estrella.

E's triste porque te anima
O coração, a saudade
De quem veio lá de cima
Para esta soledade!

E's triste como a bonina
Que á sombra o aroma exhala,
Que a aurora não illumina
E a viração não emballa!

Como a lampada que espalha
Dôce luz em chão funerio!
Como a perola que orvalha
As rósas do cemiterio!

Pensas que a ninguém magôa
Acaso a mesma tristeza?
Oh! anjo d'alma tão boa,
Eu peso a dôr que te peza!

RAUL VIOLETA.

Condado de Tolstoi

No tempo de Pedro, o Grande, imperador da Russia, estava de sentinella em uma das portas interiores do palacio imperial, um rapaz chamado Tolstoi, então simples soldado e que foi o fundador da familia de que é representante o actual conde de Tolstoi.

Approximou-se-lhe um fidalgo da côrte e disse-lhe que queria passar. A sentinella respondeu-lhe que o imperador lhe ordenára que não permitisse a passagem a quem quer que fosse.

— Não sabes que sou principe?

— Sei, senhor, mas não pode passar.

Na Russia um nobre não admitte que um plebeu o contrarie e, o principe deu, no rosto do pobre soldado, uma violenta chicotada.

— Pode bater-me, senhor, mas não passa sem me matar.

Pedro, o Grande, ouviu nos seus aposentos o rumor das vozes e veio ver o que se passava. Foi o proprio principe que lhe contou tudo, mostrando quanto se sentia magoado pela teimosia da sentinella.

— Tolstoi, disse o imperador voltando-se para o soldado, deram-te uma chicotada por teres obedecido ás minhas ordens; aqui tens a minha bengalla, dá-lhe com ella.

— Mas este homem é um simples soldado.

— E' capitão, replicou o imperador.

— Mas eu sou official da côrte de Vossa Majestade.

— E elle coronel da minha guarda imperial.

— Eu tenho a cathogoria de general.

— Pois tambem elle é general e um equal tem o direito de desaffrontar-se.

O principe recebeu o castigo, e o moço soldado a nomeação de general e o titulo de conde.

CLARISSE

(Continuação)

I

Maurício sentou-se e fez-me a narração seguinte :

Quando estive pela ultima vez na pequena propriedade que minha mãe

Portanto, tendo terminado a licença exactamente na epoca em que eu tencionava voltar a Paris e, acabando de estabelecer-se o serviço de vapores entre Châteaulin e Brest, o major propoz-me para o acompanhar até esta ultima cidade, onde ia apresentar-se no regimento.

Este caminho poupou-me a longo trajecto de carruagem, a que tenho verdadeiro horror.

Chegado ali, dirigi-me immediata-

— Que idade tem a sua futura tu-tellada, major?

— Dezesete annos.

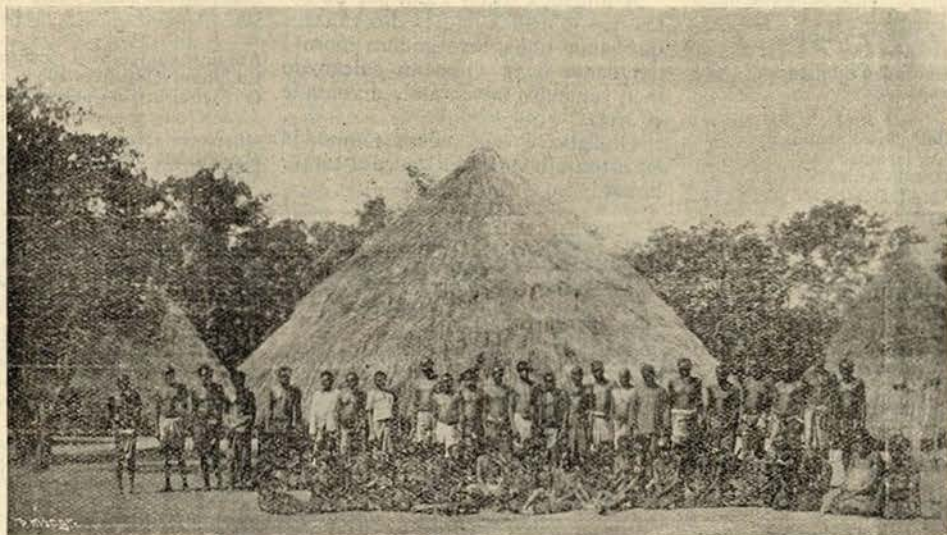
— N'esse caso, não sendo muito feia, encarrego-me d'ella.

— E' encantadora, ao contrario... pelo menos é o que me dizem.

— Não a conhece?

— Eu sei lá! Devo te-la visto em alguma parte, em casa do tio, em dos meus velhos amigos... amaveis ami-

Atravez d'Africa



HABITANTES DA POVOAÇÃO NHANGÓ DE SOFALA

habitava junto de Quimper, vi muitas vezes o major C..., meu tio por afinidade, que estava com licença n'aquella occasião. Durante muito tempo as suas maravilhosas narrações de guerra, e ainda mais as suas dragonas douradas, tinham feito do major o ideal da minha infancia. Mas, posto que tivesse sido promovido depois que deixara de ve-lo, nada lhe restava então, pelo menos para mim, do seu antigo prestigio.

Livre, pela idade e pela reflexão, das minhas illusões guerreiras, não encontrava n'aquelle heroe tão invejado outr'ora, senão um soldado vulgar tendo precisamente a sufficiente intelligencia para se fazer matar valentemente ao serviço da primeira causa, contanto que lhe dessem occasião de sair do indigno repouso com que o governo de então deixava *encher de bolor os antigos vencedores do mundo*.

Apesar da nossa divergencia d'opinões a respeito da gloria, e de muitas outras cousas, como o major brincára comigo muitas vezes tendo-me sentado sobre os joelhos, agarrando-me aos seus bigodes, sendo afinal o melhor rapaz do mundo, sentimos igual prazer em nos tornar a ver e, as nossas relações foram, se não intimas, pelo menos affectuosas.

mente ao hotel onde estava o major.

— O diabo leve as mulheres! exclamou elle no momento em que eu entrava, amarrotando e atirando para longe uma carta que acabava de ler.

— Seria muito boa politica, repliquei eu rindo; não haveria necessidade de se occuparem dos homens que se perderiam com enthusiasmo para gosarem tão encantadora companhia.

O major olhou para mim de revez, repellindo com gesto brusco a mão que lhe estendia.

— Como se nós não poderemos passar sem essas delambidas!... Mas estou encantado por te encontrar em tão galantes disposições. Poderás faltar-te amanhã de galanteios, o que me permitirá completa abstenção d'elles.

— O que ha de novo, major? Não partimos amanhã?

— Partimos sim, e é precisamente esse o mal. Imagina tu que não posso supportar a idéa de occupar-me de bagagens e acabo de ser encarregado de acompanhar a mamã uma pequena que sae do collegio.

— Parece-me que a aia foi escolhida com muita felicidade.

— Com mil demonios! Dar-se-ha o caso que me tomem por ama secca?

gos que me dão estopadas d'esta ordem!

— E chama-se?

— Eu sei lá?!... Ah!... A menina de Grave, me parece.

— Um bello nome.

— Sim, bello nome, bonita cara e... nem um ceutil. Gostas das raparigas sem dote?

— E' conforme. Conheço muitas ricas que não queria nem ver.

— Bem, bem, replicou o major encolhendo os hombros; com essas idéas e a pintura, rebenta-se com fome. Isso é contigo, meu rapaz; faze a côrte á pequena, casa até com ella... contanto que se beba bom vinho no casamento, lá vou. Mas afinal, tornou elle depois de uma pausa e lançando um ultimo olhar para o espelho para se certificar que nada lhe faltava, agora me lembro. Deviamos passar o dia juntos e vejo-me na necessidade de ir levar a resposta á maldita carta, e esperam-me para jantar. Olha, Mauricio, se queres conhecer hoje mesmo a tua futura Dulcinéa, vem comigo; apresentar-te-hei.

— Obrigado, respondi eu sorrindo não tenho tanta pressa de algarmar-me. Terei tempo amanhã, se quizer ceder-me os seus direitos.

— Vae-te para o diabo tambem, disse o major pegando no chapéo e

abrindo-me a porta; mas se não nos tornarmos a ver hoje, não te esqueças que partimos amanhã pela manhã às oito horas. Vou meter-me na carruagem do meu amigo, que me espera aqui perto, para me levar ao campo, d'onde voltaremos juntos à tarde... Ah! ouve, Mauricio, se jantares no hotel pede S. Julião, lacre verde... Diabólicas mulheres, endemoninhada carta!

E o major desapareceu.

(Continúa)

O Rachador e a Morte

(Fabula)

Sustem se a custo
O rachador,
Dobra-lhe o busto
Imensa dôr!

Baldado empenho
Em levantar
Pesado lenho
Que foi cortar.

'Spraiando a vista,
Procura vêr
Se ha quem lhe assista.
Triste sofrêr!

A estrada é muda
Aos rogos seus...
Implora ajuda
Ao proprio Deus!

Mas o Eterno
Não quiz ouvir
Queixume terno
Do seu carpir!

«Ai, crua sorte»...
Bradou alfim,
«Só pode a Morte
«Ter dô de mim;

«Com que meiguice
«Eu a tratára
«Se ella surgisse
«Lá da seára.

Mas, de repente,
Um ruido atroz
O pôe tremente,
Lhe embarga a voz!

Era um tremendo
Medonho som
D'ossos rangendo...
Funério tom!

Ave nóturna,
No pinheiral,
Grásna soturna
Canto letal!

Corta o ar um relampago medonho!
A Morte surge e prestes se avisinha
Do rachador, que julga tudo um sonho
Da mente enfraquecida, vil, mesquinha!

«Chamaste-me... aqui 'stou! Mal me ficara
«Não responder ao pobre em agonia...
«De mais... chamar a morte é coisa rara!
«Não vindo, pois, faltara á cortezia.

«Minorar-te essa dôr tenho por fim...
«Que desejas de mim?»

«Oh Morte», implora o triste de mãos pos-
tas,
«Vem ajudar-me a pôr a lenha ás costas».

ANACLETO.

A Nossa Estante

Mocidade, Vivei! — por Pinto
Quartim.

Não sei se é já muito tarde ou se é cedo de mais para o seu grito de revolta contra a iniquidade do mundo!

O que sei é que o seu livrinho está muito bem escrito, denuncia o altruismo da sua béla alma e deve ser lido pêlo limitado numero daquêles que nêste sub-lunar planêta amam tudo que é Santo, Bélo, Nobre e Bom.

A injustiça social é um par de botas que mortifica os pés dos rapazes que teem a sua envergadura moral!

Quando o Sr. Quartim calçar do meu sapateiro talvez ande á vontade e...ria.

O diabo é que, nêste tempo, já eu estou ajudando S. Pedro a torcêr linhas!

O VELHO

E' o velho um testemunho
De illusorias
Esperanças
De bonanças
Transitorias;

E' um sol, mas cuja luz
Turva e baça
Não deslumbra
Na penumbra
Da desgraça;

E' um justo, não por certo,
Sem labeos,
Sem defeito,
Que o perfeito
Só em Deus ..

Mas porque as cãs — ais! doridos
Que ili ficam,
São desculpas
Que essas culpas
Purificam...

E' um triste que nas preces
Solitarias
Solta queixas
Como endêchas
Funerarias;

E', em summa, um livro aberto,
E que ensina
Ser dos annos
Desenganos
Triste sina! ..

Evora 14-1-07

JOSÉ CORDOVIL.

Cumulos

Do desperdicio: — Derramar lagrimas.

Ferrar os machos d'uma porta.

Accender iscas de figado.

Por n'um cavallo um freio de vacuo.

QUADRISONETICO

Poupa-me, oh fado, na decrepitude
Algumas cousas de que tenho horror;
Poupa-me ainda que te cause dor,
A vista, a fala, o ouvido e a saude

A' VISTA

Oh vista protectora e grandiosa
Desfralda sobre mim tua bandeira
E até á minha hora derradeira
Com ella me protege, carinhosa.

Vive comigo sempre rigorosa
E por Deus não me entregues á cegueira
Pois privarás então d'essa maneira
Que eu morra vendo a morte côr de rosa.

Até final eu quero os teus proventos;
Eu quero ver as aves sobre o ramo,
O roseiral beijado pelos ventos;

Quero ver perpassar o ser que chamo
E quero até meus ultimos momentos
Ver, lindo, o rosto da mulher que eu amo!

A' FALA

Doce expressão — oh fala! — da linguagem
Se vê de ti no porte airoso e bello!
Solta essas negras tranças do cabelo
E vem vestir d'este desejo a imagem!

Priva-me sempre d'essa atroz voragem
D'onde a nudez desfaz o nosso anhelos!
Oh! Não derruas nunca o meu castello
Povoado de mil vozes em romagem!

Eu quero até morrer falar de amor,
Quero dizer até o instante, quando
A Parca venha, rubra de furor,

De ti, formosa virgem, me levando,
Quero dizer da morte no estertor:
Por ti vivi! Por ti faleço, amando!

AO OUVIDO

Trompa de Eustachio, protectora tuba
Echôa sempre na minha alma a voz
D'essa mulher cuja visão, após
Eu sigo, desgrenhada a umbrosa juba:

Echoa sempre e roga que a ti suba,
Repercutida, a fala quando a sós
Nos entregarmos ambos só a nós
N'esses goscos que o tempo audaz derruba.

Deixa-me ouvir a fala maviosa
Dos labios seus tão rubros de coral,
Que eu beijo quando a noite é mais calmo-
sa.

Roga a Deus que eu disfructe o meu fanal:
Até que venha a Negra Luctuosa
Desejo ouvir de amor um madrigal!

A' SAUDE

Oh! Com saude quem morrer podera...
Morrer qual bisavô, já bem velhinho.
— Passar cheio de amor e de carinho! —
— Assim morrendo é que eu passar qui-
zera! —

Queria com saude (oh vã chimera!)
Ver a morte a baixar bem de mansinho
E transportar-me ao cem pelo caminho
Que vae do inverno dar á primavera!

Poder apreciar a côr do cirio
Que viesse ajudar-me a bem morrer,
Sem o menor e mais subtil martyrio!

Poder assim, sem dôr, deixar de ser,
Embora a pallidez da côr do lyrio
Em mim viesse o sangue arrefecer!

1907

VICTORINO SILVA.

(Inedito.)

O FEITICEIRO DAS TRÉVAS

Clément envia-nos de Paris a seguinte carta, para o conteúdo da qual chamamos a atenção dos nossos leitores e consulentes.

Sr. Redactor

Paris 13, Jan. 08.

«Accuso a recepção em 10 Jan. da sua carta, acompanhando a consulta de M.^{me} Eugénia D. de C. pedindo uma consulta sobre os acontecimentos futuros da sua vida. São pouquíssimos os dados que M.^{me} de C. me fornece para que eu possa oferecer-lhe uma predição completa e segura, no entanto alguma coisa poderei dizer sem receio de me enganar muito. No fim desta carta apresentarei um modelo do questionário a que as pessoas consulentes devem responder.

Recebi a colecção do *Azulejos*, que fez favôr de enviar-me. Agradeço a lembrança, mas, infelizmente, não posso lêr o que nelles se contém e que reputo excelente, porquanto ignoro os mais rudimentares elementos da lingua de Camões.

Recebeu as receitas magicas e os artigos sobre as influencias planetarias?

A respeito das *missas negras*, em que me fala na sua ultima carta, nada direi, apesar de conhecêr perfeitamente o assunto porque o reputo contrario aos bons costumes e seriedade do seu honesto semanario.

Agora, duas palavras a M.^{me} de C.

— Honesta mas vaidosa e arrebatada. Ciumenta, dominadora e sempre triste. Esmoler e compadecida do infortunio alheio até ao alto sacrificio. — Detesta a mentira e o agradecimento que lhe traduzem pelo bem que praticou. — Ainda não amou: detesta os homens por causa da superioridade moral que dizem têr sobre as mulheres. Despreza as mulheres por estas não terem a energia suficiente para se nivelarem com os homens. Se se casar, será tarde: nesse caso, escolherá para marido um individuo de mentalidade apoucada. Pensará em dominal-o, querará ser o homem da casa mas, a breve trêcho hade reconhecêr o erro que praticou. O esposo escolhido, cujo fundo de character será a futilidade e o desejo insaciavel do prazêr mundano, nunca saberá apreciar as qualidades boas de sua mulher, fugir-lhe-ha como o peixe miúdo por malhas de rede grossa e o *ménage* será um verdadeiro inferno. Apesar de despresada pelo marido e do quasi horror que elle hade causar-lhe apoz um anno de convívio, conservar-se-ha honesta, porque está escrito no livro do destino que *nunca* poderá deixar de sêr.

Terá uma predileção especial pêlos morangos e varios embarços

Figuras do Palco



Actor Eduardo Brazão

gasticos causados pela imoderada absorpção do saboroso fruto.

Fará uma viagem ao estrangeiro, França ou Italia. N'um d'estes países encontrará uma senhõra com quem travará relações de amizade intima. Esta sr.^a abusará do affecto que M.^{me} de C. lhe dedicará e, aproveitando-se da sua compaixão pelo infortunio do proximo, roubar-lhe-ha dois mil francos com genial descaramento.

Aos 51 annos, sofrerá de febre tifóide e, se d'ella escapar, viverá até aos 96 com regular saude, finando-se em propecta idade em virtude de sêr atropelada por um automovel.

E' o que se me oferece dizêr a M.^{me} de C. sobre o seu futuro, lamentando que a falta de dados fornecidos me não permita maior expansão.

Antes de fechar esta carta dêvo apresentar aos leitores do seu bêlo semanario uma norma do questionario a que devem responder os que quizerem consultar, por minha intervenção, os arcanos do Porvir.

— «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dêdos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congênitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitiço do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca forza muscular e qual o estado da sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— Tem tendencia para a violencia, para o despotismo?

— E' cabeludo ou glabro?

— Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?

— Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente á mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrega-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabêlos da cabeça, da barba e das sobrancêlhas?»

— «Gosta de flôres de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredô, a mais completa descripção.

Esta vae longa e por isso vou terminar apresentando-lhe, sr. Redactor, a viva expressão de amizade do seu

Amigo etc.

GEORGES CLÉMENT.

Semana Alegre

— Sr. alumno, queira dizêr-me o que é o frio?

— E' uma coisa que eu sinto pêlas costas acima quando V.^a Ex.^a me chama á lição.

— Quem de três tira três, quantos ficam? O alumno não responde.

— Vou dar-lhe um exemplo: «Eu dou lhe três laranjas, o menino come-as tôdas; o que lhe fica?»

— As cascas, sr. professor!

VARIEDADES

Pão de lô de queijo — E' necessario ter uma duzia d'ovos, meio kilo de assucar refinado e uma chavena de queijo ralado.

Separam-se as gemmas das respectivas claras, batem-se muito bem as primeiras com o assucar, juntando-lhe depois as claras que devem ter sido tambem muito batidas, até ficarem como neve, por ultimo adiciona-se-lhe o queijo e vae ao forno em forma untada com manteiga.

POSTA RESTANTE

Waltan — Não é absolutamente destituido de habilidade. Ha mêsmo no que escreveu sentimento e poesia mas, deploramos que ignore as regras mais elementares da arte poetica. Desconhece por completo o que seja metrificacão, accentuacões: nem mêsmo sabe o que é um hemistichio.

Nos trinta e um versos da sua produção apenas se apuram oito bem medidos.

A technica é inseparavel do estylo! Estude e volte.

?



QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?

O CONCURSO DA 2.ª SERIE
UM TINTEIRO DE PRATA
será o premio do Campeão

Em virtude do grande entusiasmo que está despertando o concurso charadístico da 2.ª Serie do *Azulejos*, resolvemos que só no numero 19 fossem publicadas as decifrações dos artigos até hoje publicados, afim de que ainda qualquer pessoa sem desvantagem possa habilitar-se ao nosso premio,

Um tinteiro de prata

que será conferido ao decifrador que satisfizer as seguintes

Condições do Concurso

1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 2.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
2.ª—Enviar-nos, no intervalo de dois numeros a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.

Avisamos os nossos estimaveis decifradores que temos já recebido d'alguns as decifrações em papel commum, o que os não habilita ao premio que offerecemos. Como hoje ainda não saem as decifrações teem tempo de satisfazer ás condições exigidas.

O CONCURSO DA 1.ª SERIE
Entrega do premio ao Campeão

No dia 16 foi entregue ao Campeão da 1.ª Serie, Ex.º Sr. Marianno Ribeiro, empregado no Ministerio da Fazenda e morador na Estrada das Larangeiras, 1, **uma carteira de pelle de crocodillo com monogramma em prata**, premio que lhe coube por ter decifrado, durante os 15 numeros, 162 artigos.

Publicamos, em seguida, o recibo da entrega da referida carteira.

Declaro que me foi entregue pela Administração do Semanario *Illustrado «Azulejos»* a carteira de pelle de crocodillo com monogramma em prata, premio que me coube no concurso charadístico da 1.ª Serie.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1908.

Marianno Ribeiro

Logogriphos

Fico longe e muito longe
Ando sempre acompanhado
Por quatro dos meus amigos
Por entre o ceo estrellado. — 2, 3, 4, 7, 9

Mas nunca perco de vista
Um collega, um valentão,
Qu'anda sempre em roda viva
Com uma espada na mão. — 5, 4, 3, 8, 6

E se mostra resolvido,
Inda que seja n'um ermo.
A dar a todos que encontre
Este final, este termo. — 5, 9, 3, 8, 6

Só poderia escapar
Tendo ás costas uma manta,
Que fosse toda tecida
Com as fibras d'esta planta.—1, 2, 8, 4

Tomo a Deus por testemunha
Pois é este decisivo,
E quando m'o deferirem
Será logo suppletorio.

J. P.



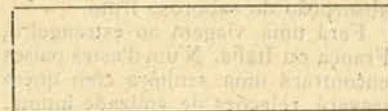
Rapido

Interjeição
1, 2

Fructo

Sedimento
3, 4, 5

J. P.

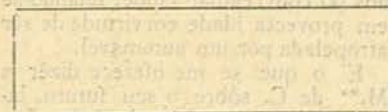


Charadas

Novissimas

Este animal com esta bebida livra da humidade-2-1.

A. P.



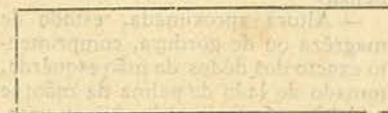
Abafa este appellido na cabeça-2-2.

A. J. PIRES



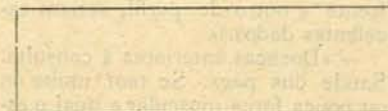
O insecto da mana é uma planta-3-2.

AÇNAREPSE



No leque e nos moinhos está o appellido-1-1.

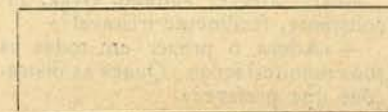
PINGOLINHAS



Truncada

O caantaro está na insula-2.

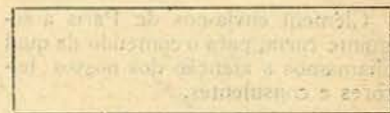
E. RAMOS



Reduzida

Fria-3
-gi-
Mulher-2

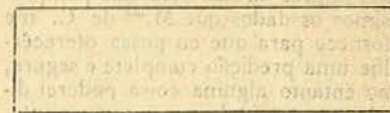
LITRAS



Biforme

Comprei uma ave de côr esverdeada-2.

F. DA M.

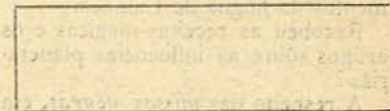


Enygmas

Typographicos

FEU

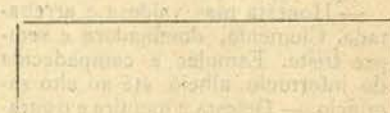
LITRAS



6-6-6

D

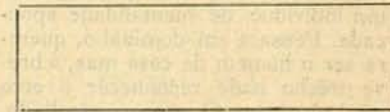
J. L.



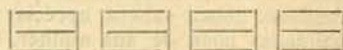
Por iniciaes

G Q C N G Q F
2 1 2 1 2 1 2

J. P.

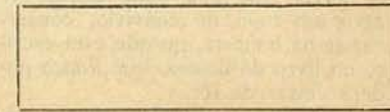


De palitos



Tirando 5 palitos fica uma cidade.

J. P.



Artigos a decifrar, 13.

GRANDE DEPOSITO
 DE
MOVEIS DE FERRO
 COLCHOARIA
 DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
 54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

ARMAZEM DE MUSICA E INSTRUMENTOS
 DE
Joaquim José d'Almeida
 Rua José Antonio Serrano, 34 — LISBOA
 (Antiga C. da Collegio)
 Vendas d'instrumentos, accessorios e musicas a prestações mensaes.

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
 Clinica Geral — Partos
 R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
 TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
 MEDICO CIRURGIÃO
 Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
 Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA * * * * *
 MEDICO-CIRURGIÃO * * * * *
 R. S. Vicente á Guis, 22, 1.º

LUZ KITSON
 Petroleo por incandescencia
 A mais brilhante, a mais economica
 Sem cheiro nem fumo. **L. M. LILLY**, successor.
 R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis
 Carta a esta Redacção
 RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão
 OURIVESARIA E JOALHARIA
 Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 15000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
 Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
 Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
 Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.

R. Xavier da Silva
 Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
 Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

PIANOS
A. NASCIMENTO
 Concerta e s'fina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos e encordoções para pianos e harpas, etc., etc.
TRABALHOS GARANTIDOS
 Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)
 LISBOA

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa
 Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, reccituario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
 Em frente ao mesmo Instituto
JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
8 Logares
 Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
 QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
 33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa
 EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
 Arte decorativa
 Artigos para brindes
GATO PRETO
 Rua de S. Nicolau
 (Esquina da R. do Crucifixo)



BICICLETAS INGLEZAS
 VENDAS A PRESTAÇÕES

CASA VELO-PORTUGAL
 J. da COSTA BRAGA-21, RUA MARIA, 23 LISBOA
 BICICLETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS RASOAVEIS
 REPARAÇÕES E ACCESORIOS
 SUCCESOR DE CRISTO E ALVARO - PRAÇA PRINCIPAL DO BARRIO DE S. VICENTE

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR
 A bicycleta ingleza, de 1.º ordem que, sob a denominação de **"VELO-PORTUGAL"** vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.
 Não ha cyclista que o ignore. Ninguém imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas-B. S. A. de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenaes d'imitadores.
 Quem visitar a Exposição **"Velo-Portugal"** ficará verdadeiramente surprehendido. Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a ver mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa. Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.
 Na casa **"Velo-Portugal"** ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubémos guindar o nome do nosso estabelecimento.
 Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:
Bicycletas das mais modestas as de maior luzo por preços rasoaveis.
 Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.
 Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferéncia do publico.
 Ha pessoas que, não vendo réclamos esphahafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.
 Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

ADIOS NIÑAS!

Julio Linares

Propriedade do Copyright

andante

HABANERA

gracioso

PIANO

ff

ff sempre

fall

a tempo

cres-

cresc.

ff

CODA

ff

NO PROXIMO NUMERO:
LEGENDA—Valsa por BENJAMIM DA COSTA

Dig.^{no} Mestre da Banda de Infantaria 17

J. 101 FH